

# Mediadores em museus de ciência: um estudo sobre profissionais que atuam no Brasil

## RESUMO

Neste artigo, apresentamos os resultados de um estudo sobre os profissionais que atuam como mediadores em museus e centros de ciência brasileiros. Para a coleta de dados, utilizamos uma enquete *on-line*, com 42 perguntas fechadas e abertas, respondida por 298 pessoas provenientes de 87 instituições distribuídas por 16 estados e Distrito Federal. Nossos resultados indicam que a maioria desses profissionais que responderam à enquete é jovem entre 20 e 29 anos, de sexo feminino, com graduação ou ensino médio completo e com até dois anos de experiência na área. Se, por um lado, há um avanço na capacitação desses profissionais, com 90% dos respondentes afirmando ter recebido capacitação inicial na área, por outro, seus vínculos empregatícios ainda são vulneráveis, como sinalizado por 66,2% dos entrevistados. Desse modo, os dados aqui levantados indicam a necessidade de criar melhores condições para a profissionalização desses atores sociais fundamentais para a cultura científica do Brasil.

**PALAVRAS-CHAVE:** Museus e Centros de Ciência. Mediador. Divulgação Científica. Educação não formal. Profissionalização.

### Luisa Massarani

[luisa.massarani@fiocruz.br](mailto:luisa.massarani@fiocruz.br)  
[orcid.org/0000-0002-5710-7242](https://orcid.org/0000-0002-5710-7242)  
Instituto Nacional de Comunicação  
Pública da Ciência e Tecnologia / Casa de  
Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz,  
Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

### Marcelo Alvaro

[marcelavalvaro@gmail.com](mailto:marcelavalvaro@gmail.com)  
[orcid.org/0000-0001-5201-4875](https://orcid.org/0000-0001-5201-4875)  
Instituto Nacional de Comunicação  
Pública da Ciência e Tecnologia, Rio de  
Janeiro, Brasil

### Willian Vieira de Abreu

[wabreu@coppe.ufrj.br](mailto:wabreu@coppe.ufrj.br)  
[orcid.org/0000-0002-6685-2754](https://orcid.org/0000-0002-6685-2754)  
Universidade Federal do Rio de Janeiro /  
Instituto Nacional de Comunicação  
Pública da Ciência e Tecnologia, Rio de  
Janeiro, Brasil

### Jessica Norberto Rocha

[jrocha@cecierj.edu.br](mailto:jrocha@cecierj.edu.br)  
[orcid.org/0000-0002-9754-3874](https://orcid.org/0000-0002-9754-3874)  
Fundação Cecierj, Rio de Janeiro, Brasil

### Waneicy da Silva Gonçalves

[waneicy88@gmail.com](mailto:waneicy88@gmail.com)  
[orcid.org/0000-0003-1576-2510](https://orcid.org/0000-0003-1576-2510)  
Instituto Nacional de Comunicação  
Pública da Ciência e Tecnologia, Rio de  
Janeiro, Brasil

## INTRODUÇÃO

Museus e centros de ciências são espaços não escolares que desempenham importante papel na educação em ciências e divulgação científica. Nesse grande guarda-chuva intitulado “museus e centros de ciências” consideramos, como a Associação Brasileira de Centros e Museus de Ciências (ABCMC), que estão englobados: museus de história natural, centros de ciências interativos, planetários, zoológicos, aquários e jardins botânicos (ALMEIDA et al, 2015). No último levantamento realizado pela ABCMC, em 2015, foram listadas 268 instituições desse tipo no Brasil (ALMEIDA et al, 2015), mas esse número deve ter flutuado desde então, visto que algumas foram fechadas nos últimos anos e outras foram inauguradas.

Essas instituições, que recebem milhares de visitantes anualmente, têm características específicas e múltiplas. Elas, geralmente, possuem uma exposição de longa duração, podendo ser compostas por módulos interativos, dioramas, sessões de planetários, exposições de coleções vivas, não vivas e de valor científico-histórico, painéis, filmes e uma diversidade de textos e informações multimídia, multimodais e sensoriais. Além da exposição de longa duração, os museus e centros de ciências do Brasil passaram, a partir dos anos 1960 e 1970 (NORBERTO ROCHA; ABREU, 2021), a ofertar exposições temporárias, itinerantes, presenciais e/ou virtuais, oficinas, peças de teatro, entre outras ações. Conforme a dinâmica de cada organização, a visita pode ser livre e/ou sob demanda, podendo ser agendado por escolas, grupos familiares ou de turistas, entre outros. Outra característica que possuem em comum são os profissionais destinados ao atendimento, recepção, acolhimento, educação e comunicação com os públicos. Essas pessoas, que desempenham uma multiplicidade de tarefas, ganham na prática e na literatura muitos nomes: mediadores, educadores, monitores, guias, intérpretes etc. – o que reflete também a suas variadas ações nesses locais.

Shaby e colaboradores (2018), argumentam que os mediadores desempenham um papel significativo na agenda educacional das instituições e são decisivos na interação dos públicos com as atividades. Para Mulvey e colaboradores (2020), esses profissionais podem influenciar positivamente a comunicação e a educação em ciências para crianças, adolescentes e adultos oferecidas por esses espaços não escolares. De acordo com diversos autores estrangeiros e brasileiros (RODARI; XANTHOUDAKI, 2005; TRAN; KING; 2007; MARANDINO, 2008, GOMES; CAZELLI, 2016, NORBERTO ROCHA, MARANDINO, 2020; AUTORES, 2021), eles são a “ponte” entre a instituição e seus públicos ou a “voz” ou a “cara” da instituição. São, também, considerados o único elemento verdadeiramente interativo desses espaços (RODARI; MERZAGORA, 2007). Algumas pesquisas demonstram que a interação com o mediador pode fornecer suporte da experiência de aprendizagem para os visitantes (ANDRE; DURKSEN; VOLMAN, 2017) e que podem promover o envolvimento do visitante, especialmente se as exposições fomentarem a interação social (SHABY; ASSARAF; TAL, 2017). Assim, muitas são as atribuições desses profissionais, que ainda carecem de profissionalização (COSTA, 2019), e muitas são as expectativas neles lançadas (OLIVEIRA, 2010; NORBERTO ROCHA; MARANDINO, 2020). Para ilustrar como suas ações podem impactar a visita, trazemos dois estudos internacionais e um nacional, recentemente publicados.

Mulvey e colaboradores (2020), embasados pelas teorias de Vygotsky, desenvolveram uma pesquisa com 979 crianças e adolescentes e 1184 adultos em cinco instituições nos Estados Unidos (zoológico, jardim botânico e museu da criança) e no Reino Unido (centro de ciências interativo e um centro de ciências focado em ciências biomédicas). Os autores encontraram evidências para afirmar que há diversos benefícios na interação mediadores-visitantes, dentre eles, demonstram que esses visitantes consideram ter aprendido mais quando eles interagiram com um mediador durante a exposição do que quando visitavam as exposições sem a interação com mediadores.

Outro estudo, de caráter qualitativo e exploratório, desenvolvido por Massarani e colaboradores (2019) em um centro de ciências interativo da Colômbia, analisou a experiência de grupos de adolescentes em uma visita de caráter não escolar. Os resultados obtidos a partir da análise das gravações das visitas revelaram que houve construção de sentido ativa durante a interação dos adolescentes com os mediadores e que a presença dos mediadores impactou no refinamento e complexificação das conversas sobre ciência durante a visita. Na interação entre os três pilares da visita a um museu (visitantes-mediadores-exposição), foram mobilizados conhecimentos e experiências prévias e oportunidades para a aprendizagem e conversas complexas sobre ciência foram criadas.

Por fim, um estudo nacional (NORBERTO ROCHA et al, 2021), também realizado com adolescentes em um museu de ciências na cidade de Duque de Caxias (RJ), apontou o papel fundamental dos mediadores em uma visita guiada em uma exposição que tratava da relação física e esportes. A pesquisa forneceu elementos que demonstram que conversas relacionadas a temáticas científicas aconteceram com maior frequência entre mediador e visitantes do que quando os adolescentes conversavam somente entre eles. Na interação mediador-visitante, associações e experiências anteriores para contextualizar o conteúdo da exposição também foram utilizados. Os resultados deste estudo fornecem material para a reflexão sobre a atuação e formação desses profissionais, especialmente, porque as autoras concluem que os mediadores foram os protagonistas das conversas, muitas vezes abordando os conteúdos da exposição de forma unidirecional, com pouco espaço para o diálogo e as trocas com os adolescentes.

Nesse sentido, entendemos que ainda há espaço para a pesquisa sobre a prática e a formação de mediadores para atuar em museus e centros de ciências. Entretanto, antes disso, também há uma demanda para conhecer quem são esses profissionais. Ainda pouco sabemos sobre o quantitativo de mediadores brasileiros, bem como seus perfis, formações, anseios e suas relações com a ciência e sua prática profissional. Essa afirmação dialoga com o que é colocado por Costa (2019): o Brasil necessita de estudos, levantamentos e diagnósticos que visem conhecer o perfil dos mediadores brasileiros, trazendo à tona suas peculiaridades. Ao conhecer quem são esses profissionais, que tipo de formação têm, em que condições atuam e quais são as suas percepções sobre a mediação nesses espaços, pode-se refletir sobre o papel desses profissionais e delinear estratégias para aprimorar a sua prática em museus de ciência.

Carlétti e Massarani (2015) realizaram um diagnóstico dos mediadores de museus de ciência no Brasil, mas os dados foram coletados nos anos de 2012 e 2013, requerendo, portanto, um estudo mais atualizado. Diante desse desafio,

nosso grupo realizou um estudo com o objetivo de conhecer os profissionais que atuam na mediação entre as exposições, atividades e iniciativas oferecidas por museus de ciência latino-americanos e os públicos. Foi utilizada uma enquete *on-line*, respondida por 780 pessoas provenientes de 134 instituições, distribuídas por 13 países da região (MASSARANI et al, 2021). No presente artigo, analisamos os dados específicos dos profissionais que atuam no Brasil, como será descrito a seguir.

## **METODOLOGIA**

O objetivo deste estudo, de caráter quali-quantitativo, foi realizar um diagnóstico de quem são os profissionais que atuam como mediadores em espaços científico-culturais brasileiros, bem como sua percepção do papel que possuem nessas instituições, museus e na divulgação da ciência.

Este estudo faz parte de uma pesquisa de caráter internacional, envolvendo países da região ibero-americana, realizada pela Musa Iberoamericana: Red de Museos y Centros de Ciencia, que conta com apoio do Programa Ibero-Americano de Ciência e Tecnologia para o Desenvolvimento (Cyted), e pelo Instituto Nacional de Comunicação Pública da Ciência e Tecnologia de Brasil, em colaboração com a Rede de Popularização da Ciência e da Tecnologia na América Latina e no Caribe (RedPOP). Para a coleta de dados, convidamos mediadores, monitores, guias e educadores de museus de ciência ibero-americanos a responder um questionário *on-line*, entre os meses de abril a dezembro de 2019. O anúncio foi distribuído a museus de ciência e organizações em divulgação científica da ibero América.

Como explicado por Massarani et al (2021), o questionário incluiu 42 perguntas fechadas e abertas, divididas em oito sessões: 1) o museu em que você trabalha; 2) o seu perfil; 3) o seu trabalho; 4) suas atividades e o público; 5) sua formação; 6) acessibilidade e atendimento de pessoas com deficiência; 7) seus hábitos; 8) sua opinião. Os resultados discutidos neste artigo incluem as respostas referentes às primeiras cinco sessões do questionário.

Para a análise das perguntas abertas foi utilizada a técnica da Análise de Conteúdo, que permite analisar dados e textos e pressupõe a leitura sistemática do corpo de estudo, levando em conta seu contexto de uso, para fazer inferências replicáveis e válidas (KRIPPENDORFF, 2004). Desse modo, a categorização das respostas emergiu da leitura dos dados, a partir da análise do material.

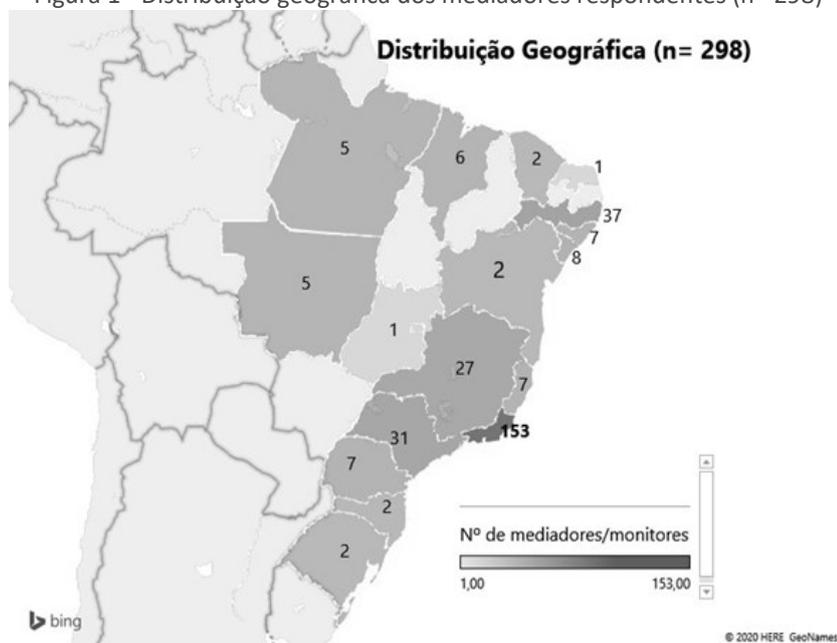
Até onde sabemos, não existe um estudo ou levantamento do número total de profissionais que atuam nesses locais, embora Carlétti e Massarani (2015) tenham estimado que seja algo em torno de 1.370. Com isso, não podemos afirmar que nosso estudo seja representativo da totalidade dos mediadores que atuam em museus de ciência brasileiros. Ainda assim, acreditamos que nossos dados trazem informações importantes para conhecer profissionais que atuam no campo e desenhar algumas tendências, o que pode dar subsídios para fortalecer a atuação desse profissional em nosso país.

## **R**

## ESULTADOS

Obtivemos 298 respostas válidas de mediadores de 87 museus e centros de ciências brasileiros. Os espaços se localizam em 49 cidades brasileiras, distribuídos por 16 estados e no Distrito Federal. O estado que teve a maior participação na enquete foi o Rio de Janeiro com 153 (51,3%) respondentes distribuídos por 25 museus (28,7%), seguido por Pernambuco com 37 (12,7%) mediadores provenientes de quatro espaços científico-culturais (4,6%). De forma geral, houve participação maior de espaços na Região Sudeste (59; 67,8%). As outras regiões do país tiveram a seguinte participação: Região Centro-Oeste, com quatro instituições (4,6%), Nordeste (15; 17,2%), Norte (1; 1,7%) e Sul com oito instituições (9,2%). A Figura 1 mostra a distribuição por unidade federativa dos mediadores que responderam à enquete.

Figura 1 - Distribuição geográfica dos mediadores respondentes (n =298)

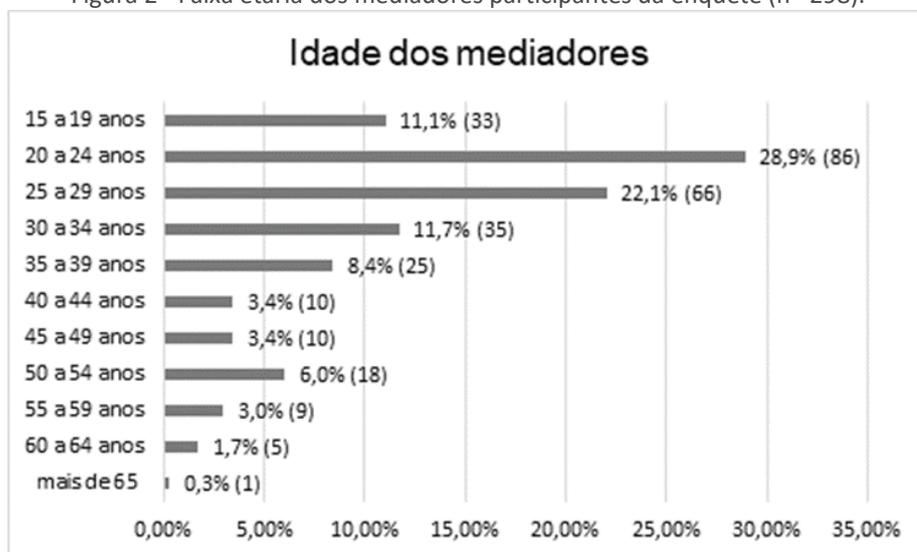


Fonte: Autoria própria (2021).

Em termos dos tipos de espaços científico-culturais participantes da pesquisa, os dados se distribuem da seguinte forma: Museu de Ciência/ Tecnologia (143; 32,2%), Museu ou Centro de Ciência Interativo (78; 17,6%), Museu de História Natural (73; 16,4%), Museu de coleções naturais (69; 15,5%), Museu ou Centro de Ciência Itinerante (7; 1,6%) e Outros (25; 5,6%), citando por exemplo: arqueologia, ecomuseu, arquivo etc. Cada participante do estudo podia selecionar mais de uma opção, portanto, o total de respostas obtidas (444) é maior que o total de respondentes (298).

Pouco mais da metade dos mediadores que participaram do estudo (152; 51,0%) tem entre 20 e 29 anos, sendo seguido por aqueles que têm entre 30 e 39 anos (60; 20,1%), como ilustrado na Figura 2. A maioria dos respondentes se identifica como de sexo feminino, 182 (61,1%), 111 (37,2%) se dizem de sexo masculino, quatro (1,3%) preferiram não informar e um (0,3%) tem identidade não binária.

Figura 2 - Faixa etária dos mediadores participantes da enquete (n= 298).



Fonte: Autoria própria (2021).

Cerca de um terço dos mediadores participantes da enquete possuem nível superior completo (106; 35,6%) e outro terço, ensino médio completo (105; 35,2%). Setenta e nove (26,1%) deram prosseguimento aos estudos, seja cursando uma especialização (9; 3,0%), mestrado (52; 17,4%) ou doutorado (17; 5,7%). Seis respondentes (2,0%) têm nível fundamental e três (1,0%), curso técnico ou tecnólogo.

### VÍNCULO, TEMPO DE ATUAÇÃO E CARGA HORÁRIA DE TRABALHO

Com intuito de conhecer as características de atuação profissional dos mediadores em suas respectivas instituições, foram feitas algumas perguntas relacionadas ao vínculo trabalhista e ao tempo de atuação. As respostas obtidas indicam que o contrato temporário é a principal forma de contratação (121; 40,6%), seguido pelo contrato permanente (76; 25,5%). Os bolsistas somam 36 respostas (12,1%) e se dividem em várias modalidades de bolsa (extensão, incentivo à docência, iniciação científica, entre outras). Os outros vínculos citados foram: voluntário (22; 7,4%), estagiário (11; 3,7%), servidor público (8; 2,7%), prestador de serviço (5; 1,7%) e terceirizado (2; 0,7%). Por fim, seis mediadores (2,0%) não souberam responder; 11 respostas (3,7%) foram categorizadas como outras, em que aparecem funções específicas como: filha do fundador, fundador e educador etc.

Em relação à carga horária semanal de trabalho, boa parte dos mediadores (120; 40,3%) cumpre entre 11 horas e 20 horas de serviço. Cerca de um terço (105; 35,2%) afirma cumprir entre 21 horas e 40 horas semanais. Do total, 41 respondentes (13,7%) trabalham até 10 horas semanais e outros 32 (10,7%) trabalham mais de 40 horas semanais.

A respeito do tempo de atuação profissional como mediador, 87 respondentes (29,2%) afirmaram exercer a profissão há menos de 1 ano, seguidos por 67 (22,5%), com entre um e dois anos na função. Os mediadores com mais de 10 anos de experiência somam 46 (15,4%). Com 37 e 36 respondentes (12,4% e 12,1%), respectivamente, há os que estão na área entre três e cinco anos e de cinco a 10 anos. Por fim, 25 mediadores (8,4%) têm entre dois e três anos de experiência.

Cerca de um terço dos respondentes (105; 35,2%) informou trabalhar há menos de um ano na instituição a que estão vinculados. Aproximadamente um quinto deles (68; 22,8%) tem de um a dois anos de serviço. Com mais tempo de serviço, contamos com 40 mediadores (13,4%), com mais de 10 anos de casa, 35 (11,7%) entre três e cinco anos e 27 (9,1%) entre cinco e 10 anos. Por último, 23 mediadores (7,7%), têm de dois a três anos de serviço.

## ATUAÇÃO COM O PÚBLICO

A respeito do tipo de público que costumam trabalhar, o público escolar (259; 30,4%) foi o mais citado, seguido por famílias (149; 17,5%), crianças (137; 16,1%) e adolescentes (118; 13,9%). Os adultos foram mencionados 92 vezes (10,8%). Pessoas com deficiência foram mencionadas em 37 (4,4%) das respostas. O público especializado, composto por visitas técnicas, pessoas com cargo de direção, legisladores, políticos e autoridades da instituição, foi citado em 33 respostas (3,9%). Por fim, os idosos foram mencionados em 25 respostas (2,9%). Nesta questão era permitido que os respondentes selecionassem até três opções.

Ao indagar quais os formatos que são regularmente utilizados na interação com o público, permitindo múltiplas respostas, os mais citados foram as visitas à exposição (260; 87,2%), as explicações informais durante a exposição (241; 80,9%) e as demonstrações (214; 71,8%). Os jogos foram mencionados 159 vezes (53,4%) e os debates, 130 vezes (43,6%). Com cerca de um terço das respostas (101; 33,9%) estão a capacitação de professores, e palestras (97; 32,6%). Com menos menções, estão os shows de ciência (57; 19,1%), os workshops (45; 15,1%) e o Teatro Científico (43; 14,4%).

Quando perguntados como eles sabem se o público está satisfeito ou insatisfeito com o seu trabalho, 225 (75,5%) dos mediadores indicaram recorrer aos comentários feitos pelo público durante o atendimento. Cerca de um quinto (112; 20,1%) mencionou utilizar os cadernos e/ou livros de comentário e um quinto (112; 20,1%), pesquisas de público feitas pelas instituições de trabalho. Cartas ou e-mails enviados pelo público apareceram em 74 respostas (13,3%), e oito (1,4%) indicaram usar as mídias sociais. Vinte respondentes (3,6%) indicaram não ter qualquer tipo de retorno; seis (1,1%) não souberam responder. Essa questão permitia múltiplas respostas.

Em relação ao que expressaram considerarem importante que o mediador faça, ao receber os visitantes, os respondentes consideraram imprescindível que o bom mediador busque fazer associações entre os conteúdos do museu com a vida cotidiana (222; 74,5%) e elabore perguntas que provoquem reflexão (207; 69,5%). Por outro lado, a promoção de intercâmbio dos visitantes entre eles, apesar de ter sido apontada como uma ação importante por 144 (48,3%) mediadores, foi

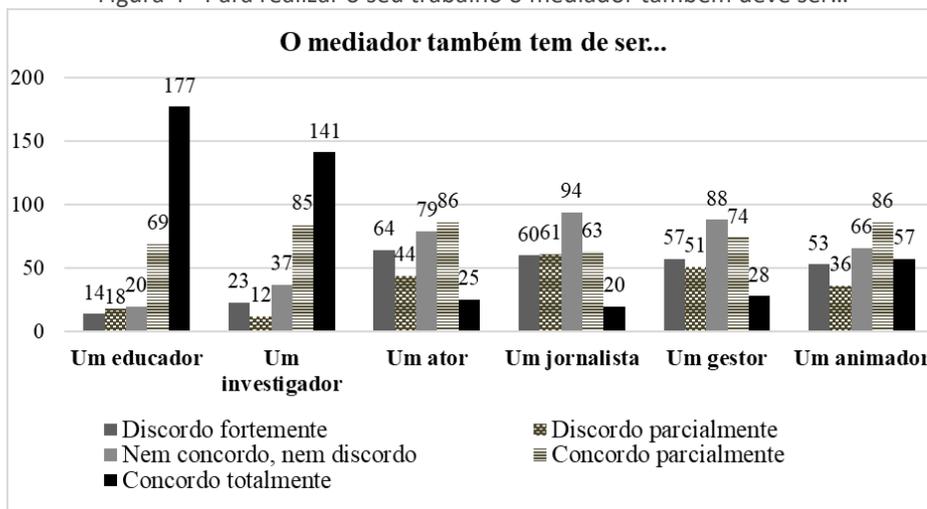
considerada pouco relevante por 68 (22,8%) deles e irrelevante por 12 (4,0%) respondentes (ver Figura 3).

Figura 3 - Ações que os mediadores podem realizar e o seu grau de importância na atuação dos mediadores da enquete (n = 298).



Fonte: Autoria própria (2021).

Figura 4 - Para realizar o seu trabalho o mediador também deve ser...



Fonte: Autoria própria (2021).

Segundo os mediadores de nosso estudo, os principais papéis que um mediador pode exercer nos museus e centros de ciência são o de educador (177; 59,4%) e investigador (141; 47,3%). Os dados são ilustrados na Figura 4.

## FORMAÇÃO

Ao ser questionados se receberam alguma formação específica em divulgação científica, 208 mediadores (69,8%) indicaram que "sim", 71 (23,8%) afirmaram que "não" e 19 (6,4%) não souberam responder. Entre as formações recebidas, 126 (47,7%) mencionaram ir a jornadas, cursos e congressos sobre o tema. Além disso, 12 mediadores (4,5%) mencionaram ter recebido formação em divulgação

científica em iniciativas dos museus e centros de ciência em que trabalham, e oito (3,0%) mencionaram ter pós-graduação na área.

A maioria (267; 89,9%) das pessoas que responderam à enquete afirmou ter recebido formação ao iniciar o trabalho como mediador. Entretanto, entre os tipos de formação recebida o mais mencionado foi a instrução em que se busca replicar o que é feito por mediadores mais experientes, com 118 respostas (39,6%). Também foram citados os cursos com carga horária maior que 12 horas oferecidos pelo próprio espaço (60; 20,1%), reuniões introdutórias (31; 10,4%), cursos internos com menos de 12 horas (25; 8,4%) e cursos organizados por entidades externas (15; 5,0%). Por outro lado, 30 participantes (10,1%) afirmaram não ter passado por qualquer curso de capacitação antes de começar a atuar como mediador.

Entre as capacitações recebidas no decorrer de sua atuação tiveram destaque as que visavam a capacitação em conteúdos científicos (209; 32,4%), em pedagogia e didática (120; 18,6%) e estratégias de comunicação (109; 16,9%). Do total, 84 respondentes (13,0%) afirmaram ter recebido capacitação para atendimento de públicos com deficiência (alguma deficiência específica ou de forma geral). Também foram mencionados treinamentos organizacionais (61; 9,5%) e teatrais/improviso/projeção de voz (29; 4,5%). Trinta e três respondentes (5,1%) afirmaram não ter recebido qualquer curso visando o aprimoramento do seu trabalho. Cabe dizer que esta questão permitia múltiplas respostas, por isso o número total de respostas (645) é maior que o número total de respondentes (298).

Sobre a frequência de participação de capacitações relacionadas ao trabalho como mediador, parte deles informou participar anualmente (50; 16,8%), outros relataram participação semanal (49; 16,4%), mensal (46; 15,4%) e semestral (42; 14,1%). Também foram mencionadas participações eventuais, sem um período determinado (30; 10,0%), quinzenais (20; 6,7%) e trimestrais (14; 4,7%). Parte dos respondentes (47; 15,8%) informou nunca realizar qualquer capacitação.

## PERSPECTIVAS FUTURAS

A fim de investigar as perspectivas futuras dos mediadores em relação à atuação na área, observamos que 107 (35,9%) participantes indicaram desejar “dedicar-se a outra atividade”. Outra parcela deseja continuar como mediador na mesma instituição (105; 35,2%). Os que pretendem se manter na instituição, mas exercendo outra função, totalizaram 40 respostas (13,4%), enquanto os que desejam ser mediador em outra instituição tiveram um total de 27 respostas (9,1%). A alternativa “outros” totalizou 16 respostas (6,3%), com respostas como “trabalhar em divulgação científica em periferias”, “atuar como professora universitária”, “conciliar mediação com outro trabalho”, “continuar na instituição, mas também em outras”. Três participantes não souberam responder.

Em uma questão aberta, perguntamos: “Independentemente de seu futuro profissional, qual é o maior aprendizado do seu trabalho como mediador para o desenvolvimento de suas atividades futuras?”. Para analisar as respostas criamos categorias que emergiram dos dados; como as respostas poderiam se encaixar em mais de uma categoria, os valores totais (418) são maiores do que o número de

respondentes (298). Pouco mais de 40% das respostas (174; 41,6%) mencionaram as habilidades comunicacionais como o principal aprendizado enquanto mediador, destacando o desenvolvimento de estratégias de comunicação e a interação com o público, conforme vemos na resposta “Adaptação da linguagem e comunicação de acordo com cada pessoa/grupo” ou em “Aprender a dialogar com pessoas de diferentes faixas etárias e de diferentes estilos de vida, sempre ouvindo e respeitando a experiência de vida da outra pessoa”. A empatia também foi citada (103; 24,6%), com os mediadores afirmando terem aprendido a ouvir, a lidar com o outro, e trabalhar em equipe, por exemplo em “Empatia e aprender a aprender” e em “todas as suas ações interferem nas ações do outro”. Uma equipe de mediação coesa trabalha melhor do que aquela que trabalha de forma individualizada”.

Também foram mencionados os conhecimentos acadêmicos/profissionais (99; 23,7%), seja aprendendo mais sobre a divulgação científica e educação não formal, ou sobre o funcionamento de um museu e a elaboração de atividades para o público, como visto em “O conhecimento sobre divulgação/popularização da ciência e tecnologia” e “Conhecimentos específicos sobre os animais do acervo”.

Os respondentes também indicaram terem aprendido a valorizar e reconhecer a importância da divulgação científica e dos museus e centros de ciência para a sociedade (25; 6,0%), afirmando por exemplo: “A importância da divulgação científica para a construção de uma sociedade mais presente e ciente de causas ambientais e científicas”, “o papel dos Museus como espaços de socialização imprescindíveis”. Conhecimentos em didática (7; 1,7%) e em interdisciplinaridade (7; 1,7%) também foram citados, como por exemplo em: “A contextualização dos conteúdos, a didática” e “Importância da interdisciplinaridade e relações interpessoais”. Por fim, algumas respostas se ativeram sobre questões pessoais (3; 0,7%), por exemplo o “fortalecimento da cidadania”.

## DISCUSSÃO

Os 298 mediadores que participaram deste estudo se distribuíram por todas as regiões do Brasil. Entretanto, há uma concentração de profissionais nos estados do Sudeste, origem de 212 (71%) respostas. Esse resultado não surpreende, uma vez que a região concentra o maior número de centros e museus de ciência do país, contando com 155 dos 268 (57,8%) espaços brasileiros registrados no Guia de Centros e Museus de Ciência do Brasil (ALMEIDA et al, 2015) - além de concentrar cerca de 42% da população brasileira em apenas quatro estados (IBGE, 2010). Ao estudar os perfis dos mediadores dos museus e centros de ciência brasileiros Carlétti e Massarani (2015), em enquete com 370 mediadores oriundos de 73 espaços científicos culturais brasileiros, também indicaram o maior número de respostas provenientes do Sudeste.

Em nosso estudo, o estado do Rio de Janeiro – que possui 44 centros de ciências, em 14 municípios (ALMEIDA et al, 2015) –, foi responsável por cerca de metade das respostas (153; 51,3%). Entretanto, o estado de Pernambuco foi o segundo estado com mais respostas (37; 12,7%). Pernambuco, apesar de ter menos espaços científico-culturais listados no Guia de centros e museus de ciência (ALMEIDA et al, 2015), apenas dez, conta com um centro de ciências de grande

porte, do qual vieram 34 respostas. Esse espaço oferece muitas atividades, desde as exposições até feiras de ciências e itinerância (atividades das quais os mediadores participam ativamente). Em 2021, a instituição conta com 75 mediadores, sendo que esse número teve uma redução desde o início da pandemia<sup>1</sup>.

Os mediadores brasileiros que participaram deste estudo são em sua maioria jovens entre 20 e 29 anos, de sexo feminino, com graduação ou ensino médio completo e com até dois anos de experiência na área. Esse perfil também foi observado entre os mediadores europeus, conforme observado por Richard (2010) ao entrevistar 159 mediadores. O predomínio feminino e o curto tempo de atuação parece ser uma tendência dos museus e centros de ciências, conforme destacado por outros estudos (RICHARD, 2010; CARLÉTTI; MASSARANI, 2015).

Alguns autores (CARLÉTTI; MASSARANI, 2015; GOMES; CAZELLI, 2016; NORBERTO ROCHA; MARANDINO, 2020; COSTA, 2019) chamam atenção para os frágeis vínculos profissionais com as instituições em que trabalham. Essa tendência também é observada no presente estudo, em que 197 (66,2%) dos mediadores declararam ter contrato temporário, ser bolsista ou voluntário, sem receber benefícios trabalhistas ou ter planos de carreira. No mesmo sentido, Gomes e Cazelli (2016) salientam que a falta de vínculos empregatícios de longo prazo torna o aperfeiçoamento teórico e prático desses profissionais um desafio, uma vez que ocasiona uma grande rotatividade das equipes de mediação. A maior incidência de contratos temporários não é exclusividade dos museus e centros de ciência. Ao entrevistar mediadores de museus de arte portugueses, por exemplo, Oliveira (2010) também se deparou com o predomínio de vínculos temporários.

De fato, observamos que a maior parte dos mediadores com nível médio completo (93; 87,7%), muitos deles cursando a graduação, ocupam cargos com vínculos temporários - bolsista, estagiário, voluntário e contrato temporário. Ao verificar a relação entre o grau de escolaridade e o tipo de vínculo institucional, observamos ainda que o aumento dos contratos permanentes acompanha a evolução da formação acadêmica. Enquanto entre os mediadores com nível superior completo os cargos temporários prevalecem (97; 93,3%), entre os profissionais com doutorado o caráter temporário se refere apenas a uma pequena parcela (3; 17,6%) das ocorrências.

Na tentativa de traçar um paralelo entre o tempo de atuação na área e o tipo de vínculo atual dos participantes, pode-se notar que, em geral, os mediadores com menos tempo de atuação (entre um e dois anos) têm nos contratos temporários o principal vínculo institucional. Além disso, a maioria dos mediadores que possuem contrato temporário também têm uma carga menor de trabalho semanal (entre 11 e 20 horas), enquanto os profissionais com contrato permanente em geral cumprem entre 21 e 40 horas semanais. Assim, os mediadores com vínculos institucionais mais frágeis parecem exercer a atividade como um trabalho temporário, em período parcial, o que nos leva crer que esses mediadores trabalham em mais de uma instituição ao mesmo tempo ou têm outras atividades paralelas, o que pode incluir jovens universitários.

Para Marandino (2008), formação e profissionalização são faces de uma mesma moeda. Como a mediação não é uma profissão regulamentada, não há

exigência de uma determinada formação, estratégias e incentivos à formação inicial e continuada são ainda mais importantes.

Os resultados obtidos neste estudo sugerem um avanço na capacitação dos mediadores brasileiros, com 90% dos respondentes afirmando terem recebido capacitação inicial na área. Contudo, identificamos que essa capacitação se deu, em grande parte, pelo aprendizado por observação e reprodução do trabalho realizado pelos mediadores mais experientes, uma estratégia comumente utilizada quando não há tempo hábil para a capacitação da equipe (GOMES; CAZELLI, 2016). Conforme destacado por Costa (2019), há um predomínio do modelo centrado na relação aprendiz-mestre nos processos de formação inicial e continuada de mediadores, de modo que os mediadores mais novos aprendam as estratégias de mediação adotadas pelos mais experientes e as reproduzam. Assim, esse tipo de formação pode estimular a colaboração, com a troca de experiências entre a equipe, mas também pode criar um ciclo de reprodução dos mesmos modos de se comunicar a ciência e dialogar com os públicos.

Para Costa (2019), a formação é um elemento chave no processo de desenvolvimento teórico e profissional da mediação, visto que esta é uma atividade que requer muito conhecimento científico, habilidades comunicacionais e de improviso. Boa parte dos mediadores aqui entrevistados receberam formação continuada (265; 88,9%), e os principais tópicos abordados foram: conteúdos científicos, pedagogia e didática, e estratégias de comunicação, tópicos que estão de acordo com os múltiplos desafios enfrentados na profissão.

A multiplicidade da atividade do mediador pode ser vista nos diversos formatos mencionados como sendo utilizados para a interação com o público, como visitas a exposição, explicações informais, demonstrações, jogos, debates, capacitação de professores, palestras, shows de ciência, workshops e teatro científico. Alguns autores mencionam que essa variedade é expressa inclusive pela multiplicidade de termos usados para identificar os papéis dos mediadores nos museus (TRAN; KING, 2007; TRAN, 2008; GOMES; CAZELLI, 2016). Mas, apesar de o trabalho do mediador abranger diversas atividades, algumas delas se destacam na prática da mediação, como as visitas guiadas, as explicações informais e as demonstrações, atividades que, segundo Tran e King (2007), favorecem as escolhas do mediador, em detrimento das escolhas do visitante, visto que em geral são pautadas no fornecimento de informações didáticas. As autoras destacam que essas atividades têm o seu lugar dentro dos museus, mas é importante que os mediadores se sintam confortáveis e confiantes para construir uma interação tendo como base o interesse dos visitantes.

Os participantes de nosso estudo demonstram concordar que um mediador também deve ser um educador e um investigador, papéis que poderiam em alguma medida dialogar com a origem da mediação, ainda no século XVII com os gabinetes de curiosidades, em que a mediação humana era responsável por introduzir e explicar experiências ou objetos para o público (ZANA, 2005). Alguns autores, como Rodari e colaboradores (2006), sinalizam que os mediadores precisam ir além de oferecer conteúdo, tomando o visitante autor do próprio saber, não como um receptor passivo. O mediador deve escutar, observar e responder estrategicamente ao público (ASH; ALCALÁ, 2011). Nesse sentido, a importância de se buscar fazer associação entre os conteúdos do museu e a vida cotidiana e de elaborar perguntas que provoquem a reflexão foram consideradas

imprescindíveis por boa parte dos respondentes, visão que está de acordo com estudos que defendem a importância do papel dos mediadores na experiência museal, destacando que esses atores sociais devem facilitar a experiência dos visitantes, encorajando-os, desafiando-os e estimulando o seu pensamento (COSTA, 2005; RODARI; XANTHOUDAKI, 2005; PAVÃO; LEITÃO; 2007; SOUZA, 2011).

Nas respostas analisadas neste artigo pudemos observar uma tentativa dos mediadores em estabelecer uma prática mais reflexiva, com boa parte deles (225; 75,5%) recorrendo aos comentários feitos pelo público durante a visita, ou aos livros de comentários (112; 20,1%), para avaliar a satisfação do público com o seu trabalho. Tal prática reflexiva, se atrelada à pesquisa e a capacitação, pode ajudar os mediadores a refletirem sobre suas próprias práticas e ideias, suas relações com os visitantes, e com a instituição de trabalho, o que pode levar ao empoderamento profissional e a construção de novos repertórios (ASH; ALCALÁ, 2011). Entretanto, para alcançar uma prática reflexiva, os mediadores precisam do suporte e incentivo institucional, o que não parece acontecer nas instituições brasileiras. Ao entrevistar quatro mediadores do Bosque da Ciência do Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia (INPA), localizado no Amazonas, Seiffert-Santos (2020) destacou que a instituição não disponibiliza ferramentas para que os mediadores possam avaliar a recepção do público, de modo que os mediadores acabam recorrendo a parâmetros informais, como observar a reação dos visitantes e conversar com os demais mediadores, para fazer esse tipo de avaliação.

Ao avaliarmos suas perspectivas futuras na profissão, observamos que mais da metade (172; 57,7%) considera continuar na profissão, seja atuando como mediador na mesma instituição ou em outra, ou em outro cargo. Outra parte (107; 35,9%) pretende se dedicar a outra atividade, daqui a cinco anos, reiterando a visão da mediação como um cargo temporário. Elycio (2019), ao estudar a influência da atuação de jovens como mediadores em museus e centros de ciência em sua formação profissional e pessoal, ressalta que a falta de incentivos para a formação desses profissionais pode acabar desencorajando que sigam uma carreira de mediador. Apesar disso, a autora destaca que, independentemente dos futuros rumos profissionais que escolham, a experiência como mediador pode contribuir no seu desenvolvimento profissional e pessoal: de fato, 97% dos 63 entrevistados por ela após dez anos, ou mais, de iniciarem sua atuação como mediadores em um museu no Rio de Janeiro (Museu da Vida) afirmaram que atuar como mediador contribuiu para diferentes aspectos de suas vidas, por exemplo, aumentando sua autoestima e sua capacidade de comunicação.

Com os relatos discursivos dos participantes da nossa pesquisa sobre quais aprendizados do seu trabalho como mediador vão levar para suas atividades futuras, observamos que as habilidades comunicacionais, a empatia e os conhecimentos acadêmicos/profissionais são os principais aspectos proporcionados pela experiência enquanto mediador. As habilidades citadas pelos respondentes são consideradas indispensáveis para o trato com o público, visto que os mediadores são os únicos capazes de dialogar com o visitante, podendo causar um impacto de nível intelectual e emocional no público (COSTA, 2005; MÁCIAS-NESTOR et al, 2020).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente estudo, investigamos quem são os 298 mediadores brasileiros, distribuídos por 87 museus e centros de ciência, que responderam ao questionário, bem como suas percepções do papel que possuem nos museus e na ciência. Foi interessante notar que 70% dos mediadores de nosso estudo estão buscando maior capacitação em divulgação científica, seja frequentando eventos e palestras ou seguindo uma formação acadêmica, em cursos de pós-graduação.

Conforme outros estudos na área já indicaram, justamente um dos maiores desafios dos museus e centros de ciência refere-se à formação dos mediadores. Os dados deste estudo, comparado a estudos anteriores, sugerem que houve um avanço com relação à formação inicial desses profissionais, com a grande maioria, 90% dos mediadores do estudo, indicando ter recebido algum tipo de capacitação ao iniciar os trabalhos na área. Entretanto, parte dessas capacitações é oriunda do aprendizado por imitação, ou seja, por observação de mediadores mais experientes, que favorece a troca de experiências e integração da equipe de mediação. Se, por um lado, ainda é reduzido o número de museus e centros de ciência que investem em formação de maneira específica em divulgação científica, por outro lado, os 221 (74,1%) respondentes declararam participar de formações (de forma geral) com ao longo do seu trabalho com alguma frequência, seja anual, semestral, trimestral, mensal, quinzenal ou até semanal. Apenas uma pequena parte dos respondentes (47; 15,8%) informou nunca realizar qualquer capacitação.

Nesse sentido, fomentamos que os museus e centros de ciência invistam ainda mais em programas de capacitação, que englobem tanto a troca de experiências entre a equipe como conteúdos teóricos e práticos. A construção de repertórios compartilhados entre museus também seria de grande valia.

Outro desafio que emerge de nosso estudo - reforçando estudos anteriores - é a necessidade de profissionalização dos mediadores, que em geral possuem vínculo profissional vulnerável. Embora se destaque a importância de programas para universitários para formação e sensibilização na área da divulgação científica, é fundamental consolidar a profissão de mediador, ator social de reconhecida importância nos museus e centros de ciência.

---

## Explainers in science museums: a study of professionals working in Brazil

### ABSTRACT

In this article, we present the results of a study about the professionals who work as explainers in Brazilian museums and science centers. For data collection, we used an online questionnaire, with 42 closed and open questions, answered by 298 people from 87 institutions in 16 states and the Federal District. Our results indicate that most of the professionals who answered the online questionnaire are young women between 20 and 29 years old, with a graduation or high school education and with up to two years of experience in the area. If, on the one hand, there is an advance in the training of these professionals, with 90.0% of the respondents claiming to have received initial training in the area, on the other hand, their employment relationships are still vulnerable, as indicated by 66.2% of the interviewees. So, the data collected here indicate the need to create better conditions for the professionalization of these fundamental social actors for the scientific culture of Brazil.

**KEYWORDS:** Museums and science centers. explainer. Science Communication. Non-formal education. Professionalization.

## NOTAS

1. Informação oral oferecida por funcionária da instituição em conversa com uma das autoras deste artigo, em 19 de março de 2021.

## AGRADECIMENTOS

Este estudo foi realizado no âmbito da Musa Iberoamericana: Red de Museos y Centros de Ciencia, financiada pelo Programa Cyted, e do Instituto Nacional de Comunicação Pública de Ciência e Tecnologia, que possui financiamento do CNPq e FAPERJ. A primeira autora agradece ao CNPq pela Bolsa de Produtividade e à FAPERJ pela bolsa de Cientista do Nosso Estado (CNE). A segunda e a última autoras agradecem à FAPERJ pela bolsa de Treinamento e Capacitação Técnica (TCT). O terceiro autor agradece à FAPERJ pela bolsa de pós-doutorado nota 10. A quarta autora agradece à FAPERJ pela bolsa de Jovem Cientista do Nosso Estado (JCNE).

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, C. *et al.* **Centros e museus de ciência do Brasil**. Rio de Janeiro, Brasil: ABCMC, Casa da Ciência/UFRJ, Museu da Vida, 2015.

ANDRE, L.; DURKSEN, T.; VOLMAN, M. L. Museums as avenues of learning for children: A decade of research. **Learning Environments Research**, v. 20, 2017, p.47–76. DOI: <http://doi.org/10.1007/s10984-016-9222-9>

ASH, D. B.; LOMBANA, J.; ALCALA, L. Changing practices, changing identities as museum educators. *In*: DAVIDSSON, E.; JAKOBSSON, A(Ed.). **Understanding interactions at science centers and museums**. Springer Science & Brill Sense, 2012. p. 23-44.

CARLÉTTI, C.; MASSARANI, L. Mediadores de centros e museus de ciência: um estudo sobre quem são estes atores-chave na mediação entre a ciência e o público no Brasil. **Journal of Science Communication**, v.14, n.2, 2015.

CARLÉTTI, C. Mediadores de Centros e Museus de Ciência: Um Estudo Sobre Quem São Estes Atores-Chave na Mediação entre a Ciência e o Público no Brasil. 2016. Tese (Doutorado Ensino em Biociências e Saúde) - Fundação Oswaldo Cruz, Instituto Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, RJ, 2016.

CAZELLI, S; VALENTE, M. E. INCURSÕES SOBRE OS TERMOS E CONCEITOS DA EDUCAÇÃO MUSEAL. **Revista Docência e Cibercultura**, [S.l.], v. 3, n. 2, p. 18-40, set. 2019. DOI: <https://doi.org/10.12957/redoc.2019.40729>.

COSTA, A. Should explainers explain? **JCOM**, v.4, n.4, 2005. DOI: <https://doi.org/10.22323/2.04040303>

COSTA, A. F. A FORMAÇÃO INICIAL E CONTINUADA DE EDUCADORES MUSEAIS: PROJETO EM CONSTRUÇÃO. **Revista Docência e Cibercultura**, [S.l.], v. 3, n. 2, p. 67-89, set. 2019. ISSN 2594-9004. DOI: <https://doi.org/10.12957/redoc.2019.44693>.

ELYSIO, M. DE S. **Jovens e museus de ciências: atuar como mediador no Museu da Vida pode influenciar sua formação pessoal e profissional?**. 2019. 121 f. Dissertação (Mestrado em Ensino em Biociências e Saúde)-Instituto Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2019.

GOMES, I.; CAZELLI, S. FORMAÇÃO DE MEDIADORES EM MUSEUS DE CIÊNCIA: SABERES E PRÁTICAS. **Ens. Pesqui. Educ. Ciênc.** (Belo Horizonte) 2016, v.18, n.1, p.23-46. Mar 15, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1590/1983-21172016180102>.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE), Censo Demográfico. Conheça o Brasil - População: pessoas com deficiência. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/20551-pessoas-com-deficiencia.html>. Acesso em: 22 março 2021.

KRIPPENDORFF, K. **Content Analysis: An Introduction to Its Methodology**. 2nd ed. Thousand Oaks, California: Sage Publications, 2004.

MACÍAS-NESTOR, A. P. ; REYNOSO HAYNES, E.; TORREBLANCA-NAVARRO, O. 'Formación de mediadores en los museos y centros de ciencias de la Universidad Nacional Autónoma de México'. **Journal of Science Communication, América Latina**, v. 3, n. 2, p. A03, 2020. DOI: <https://doi.org/10.22323/3.03020203>.

MARANDINO, M. **Educação em museus: a mediação em foco**. São Paulo: Geenf. 2008.

MASSARANI, L.; ROCHA, J. N.; POENARU, L.; FALLA, S.; ROWE, S. Adolescents learning with exhibits and explainers: The case of Maloka'. **International Journal of Science Education**, v. 2, p. 1-15, 2019.

MASSARANI, L.; ALVARO, M.; ROCHA, J. N.; ABREU, W.V.; SILVEIRA F.; FALLA, S.; PINEDA, P.; MACIAS-NESTOR A. Mediadores de centros e museus de ciência: um estudo sobre os profissionais que atuam na América Latina. **Museologia e Patrimônio**, v. 14 (1), p. 446-466, 2021.

MULVEY, K.L.; MCGUIRE, L.; HOFFMAN, A. J.; GOFF, E.; RUTLAND, A.; WINTERBOTTOM, M. Interest and learning in informal science learning sites: Differences in experiences with different types of educators. **PLoS ONE**, v.15, n.7, 2020. DOI: <http://doi.org/10.1371/journal.pone.0236279>

NORBERTO ROCHA, J.; ABREU, W. V. de. Editorial. ACTIO, Curitiba, v. 6, n. 2, p. 1-4, mai. /ago. 2021. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/actio>. Acesso em: 13 abril 2022. DOI: <http://dx.doi.org/10.3895/actio.v6n2.14699>.

NORBERTO ROCHA, J.; CABRAL, E.; MASSARANI, L.; COELHO, P.; DAHMOUCHE, M. Uma exposição sobre a física dos esportes pelo olhar de adolescentes: um estudo de caso no Museu Ciência e Vida. **Caderno Brasileiro de Ensino de Física**, v. 38, n.1, 2021. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-7941.2021.e72189>

NORBERTO ROCHA, J.; MARANDINO, M. O papel e os desafios dos mediadores em quatro experiências de museus e centros de ciências itinerantes brasileiros.

**Journal of Science Communication – América Latina**, 2020. DOI: <https://doi.org/10.22323/3.03020208>

NORBERTO ROCHA, J; *et al.* Investigating accessibility in Latin American science museums and centers. **An. Acad. Bras. Ciênc.**, Rio de Janeiro, v. 92, n. 1, abril. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/0001-3765202020191156>.

OLIVEIRA, M. G. M. Educação nos museus de arte moderna e contemporânea portugueses: um lugar no feminino? **Actas do I Seminário de Investigação em Museologia dos Países de Língua Portuguesa e Espanhola**, p. 193-206, 2010.

RICHARD, O. Report on the profile of European explainers, **PILOTS Project**, D3.3, 2010. Disponível em: [https://www.ecsite.eu/sites/default/files/project\\_docs/D3\\_3\\_Report\\_on\\_the\\_profile\\_of\\_European\\_explainers\\_0.pdf](https://www.ecsite.eu/sites/default/files/project_docs/D3_3_Report_on_the_profile_of_European_explainers_0.pdf) Acesso em: 21 março 2021.

RODARI, P.; MERZAGORA, M. Mediadores em museus e centros de ciência: Status, papéis e treinamento. Uma visão geral europeia. *In: Diálogos e ciência: mediação em museus e centros de ciências*. Rio de Janeiro: Museu da Vida/Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, p. 7-20, 2007.

RODARI, P.; XANTHOUDAKI, M. Beautiful guides. The value of explainers in science communication. *JCOM*, v.4, n.4, C01, 2005. DOI: <https://doi.org/10.22323/2.04040301>

SEIFFERT-SANTOS, S. C. **O discurso expositivo de um espaço amazônico de educação não formal em Ciência e Tecnologia**: o caso do Bosque da Ciência. 2020. 338f. Tese (Doutorado em Educação em Ciências) - Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Educação Matemática, Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste, Cascavel, 2020.

SHABY, N.; ASSARAF, O. B.-Z.; TAL, T. The particular aspects of science museum exhibits that encourage students' engagement. **Journal of Science Education and Technology**, v. 26, 2017, p.253–268. DOI: <http://doi.org/10.1007/s10956-016-9676-7>

SHABY, N.; BEN-ZVI ASSARAF, O.; TAL, T. An examination of the interactions between museum educators and students on a school visit to science museum. **Journal of Research in Science Teaching**, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1002/tea.21476>

TRAN, L. U.; KING, H. The professionalization of museum educators: The case in science museums. **Museum Management and Curatorship**, v. 22, n. 2, p. 131-149, 2007.

TRAN, L. U. The work of science museum educators. **Museum Management and Curatorship**, v. 23, n. 2, p. 135-153, 2008.

ZANA, B. History of the museums, the mediators and scientific education. **Journal of Science Communication**, v. 4, n. 4, p. C02, 2005.

**Recebido:** 01 jun. 2021

**Aprovado:** 31 mar. 2022

**DOI:** 10.3895/actio.v6n1.3527

**Como citar:**

MASSARANI, L. et al. Mediadores em museus de ciência: um estudo sobre profissionais que atuam no Brasil. **ACTIO**, Curitiba, v. 7, n. 1, p. 1-19, jan./abr. 2022. Disponível em: <<https://periodicos.utfpr.edu.br/actio>>. Acesso em: XXX

**Correspondência:**

Luisa Massarani

CASA DE OSWALDO CRUZ, Centro de Documentação e História da Saúde (CDHS)

Av. Brasil, 4365 - Manguinhos, Rio de Janeiro – RJ, Brasil. CEP: 21.040-900

**Direito autoral:** Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

